

Não fazer nada no clima já custa mais do que agir

Daniela Chiaretti
De São Paulo

O custo da falta de ação em clima já começa a superar os custos da ação em economias desenvolvidas como a alemã. A população na Alemanha apoia medidas mais ambiciosas para combater a crise climática e é favorável à transição energética, contudo estas posições não se refletiram na eleição do fim de semana, que marca o fim da gestão da primeira-ministra Angela Merkel.

Em 30 de agosto, Merkel disse, em um discurso durante as comemorações dos 50 anos do G7, que a Alemanha prometeu € 40 bilhões para financiar o fim do uso do carvão. "Mas acabamos de ver que o custo de apenas dois eventos climáticos trágicos custarão € 30 bilhões. E não sabemos quantos ainda virão", reconheceu a premiê, ao se referir às enchentes que atingiram a Alemanha em julho.

"O resultado das eleições é muito interessante, quando se analisa pela perspectiva da crise climática", disse ao **Valor** Sebastian Helgenberger, líder de pesquisa do Instituto de Estudos Avançados em Clima (IASS), de Potsdam. O instituto faz pesquisas regulares de opinião sobre o que os alemães pensam da transição energética do país. Há forte apoio à descarbonização. "Contudo, este apoio não se refletiu na eleição" diz ele.

O IASS faz regulamente a pesquisa Social Sustainability Barometer sobre a transição energética alemã. A edição de 2021 ouviu 6.800 pessoas. Os resultados, de julho de 2021, indicaram que 70% das pessoas são a favor da transição energética dos combustíveis fósseis e da energia nuclear para fontes renováveis e 60% acreditam que a transição está ocorrendo de forma muito lenta.

Ainda segundo a enquete, 55% dos entrevistados é favorável a que a Alemanha assuma um papel de liderança internacional. "Mas o apoio público à ação climática e à transição energética não torna o tema a principal prioridade nas eleições", diz ele.

"Em contraste com o forte apoio público à ação climática e à transição energética, apenas 20% dos eleitores votaram em partidos com forte perfil e propostas em clima", diz o pesquisador. Ele se refere à votação somada, nas eleições do fim de semana, aos Verdes e ao partido A Esquerda. "Só estes dois partidos têm a ambição climática no centro de seu perfil. É uma contradição interessante. Os alemães apoiam fortemente a ação climática, mas isso não se refletiu claramente nas urnas", avalia Helgenberger. Ele é um dos palestrantes de hoje do da série de eventos Diálogos Futuro Sustentável, realizados pelo Instituto Clima e Sociedade (iCS) e a embaixada da Alemanha.

EVENTO DA EMBAIXADA DA ALEMANHA E DO ICS DISCUTE JUSTIÇA CLIMÁTICA, CRISE HÍDRICA E OS REFLEXOS DA DESIGUALDADE EM UM CENÁRIO DE ESCASSEZ



Na pior
escassez de chuvas que vivemos no país em 90 anos, a progressão da crise hídrica é evidência
explícita da mudança climática e traz impactos significativos especialmente na economia
brasileira, devido à natureza de nossa matriz energética, 60% dependente de hidrelétricas. Frente
a esse cenário, a 18ª edição do Diálogos Futuro Sustentável – realizado pelo ICS – Instituto Clima
e Sociedade e Embaixada da Alemanha – promove, na próxima quarta-feira, 29 de setembro, um
painel de debate sobre o tema “Justiça climática e crise hídrica: reflexos da desigualdade em um
cenário de escassez”.

Os convidados são Theresa Williamson, editora da Rio on Watch (instituição social dedicada a
documentar a visão dos moradores das favelas sobre e para políticas públicas), que abordará o
aumento do preço e a insegurança no fornecimento da energia elétrica a partir de aspectos de
renda, raça, territórios e gênero; Luana de Brito, representante da Rede de Mulheres Negras para
Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (RedeSSAN), que apresentará a perspectiva da
segurança alimentar frente à crise; e o alemão Sebastian Helgenberger, líder de pesquisa do
Institute for Advanced Sustainability Studies – IASS Potsdam, que irá abordar as duas frentes de
ação da Alemanha no que tange à injustiça climática: suporte financeiro e logístico a iniciativas
globais em favor do desenvolvimento sustentável; além de um robusto programa de transição de
sua matriz energética rumo a fontes renováveis.

SERVIÇO

- Dia 29 de setembro de 2021
- 10h30 – 12h (BRT) no YouTube do ICS – Instituto Clima e Sociedade
- Acesso gratuito, exclusivamente via link
- Link para inscrição: <https://bit.ly/3o2ReE7>

PALESTRANTES:

Sebastian Helgenberger | IASS Potsdam

No IASS, onde ingressou em 2014, Helgenberger lidera um grupo de estudo sobre as
oportunidades sociais e econômicas trazidas pelas fontes de energia renováveis. Graduado em
Ciências Ambientais, realizou seu mestrado sobre a influência da sustentabilidade em atores da
ciência e da sociedade; e doutorado sobre o impacto do aquecimento global nas decisões de
investimento de pequenas e médias empresas. Foi coordenador de pesquisa científica no Centro
BOKU para Mudança Global e Sustentabilidade; presidiu o Grupo de Trabalho Internacional JPI
CLIMATE de financiadores de pesquisa e especialistas em transformação social em face das
mudanças climáticas; e coordenou o desenvolvimento organizacional do Centro de Mudanças
Climáticas da Áustria.

Theresa Williamson | RioOnWatch

Bacharel em Antropologia Biológica pelo Swarthmore College e Ph.D. em Planejamento Urbano e
Regional pela Universidade da Pensilvânia. Fundadora e diretora-executiva da Comunidades
Catalisadoras (ComCat), uma ONG que trabalha desde 2000 desenvolvendo redes, capacitação,
comunicação e advocacy em apoio às favelas do Rio. Coordenadora da Rede Favela Sustentável,
Painel Unificador Covid-19 nas Favelas e Projeto Termo Territorial Coletivo. Recebeu o Prêmio
Internacional NAHRO John D. Lange por sua contribuição ao debate sobre habitação (2012), e o
Prêmio Gill-Chin Lim de Melhor Dissertação sobre Planejamento Internacional (2005).

Luana de Brito | Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional

Integrante da Articulação de Organização de Mulheres Negras Brasileiras e membro do Conselho
Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional de Santa Catarina. Graduada em Ciências Sociais
pela UFSC e integrante do Grupo de Pesquisa sobre Movimentos Sociais da universidade.
Integrante do Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.

MODERAÇÃO

Amanda Ohara | Instituto Clima e Sociedade

Mestre em Planejamento Energético pela COPPE/UFRJ e graduada em engenharia química pela
UNICAMP. Atua há 15 anos no setor energético brasileiro. Foi coordenadora técnica do Instituto E
+ Transição Energética, atuou como coordenadora e consultora na Agência Alemã de Cooperação
Internacional (GIZ) e em funções técnicas e de coordenação na Petrobras. Atualmente, Amanda é
consultora do portfólio de Energia do ICS.

seminário internacional

JUSTIÇA CLIMÁTICA & CRISE HÍDRICA

REFLEXOS DA DESIGUALDADE EM UM CENÁRIO DE ESCASSEZ

29 SETEMBRO 2021
10h30 às 12h (BRT)
YouTube canal ICS

18ª diálogos futuro sustentável

LUANA DE BRITO
RedeSSAN

THERESA WILLIAMSON
RioOnWatch e Rede Favela Sustentável

SEBASTIAN HELGENBERGER
IASS Potsdam

Mediação AMANDA OHARA
Instituto Clima e Sociedade - ICS

D DIALOGOS FUTURO SUSTENTÁVEL

REALIZAÇÃO

Embaixada da República Federal da Alemanha Brasília

ORGANIZAÇÃO

COLABORA

EVENTO DA EMBAIXADA DA ALEMANHA E DO ICS DISCUTE JUSTIÇA CLIMÁTICA, CRISE HÍDRICA E OS REFLEXOS DA DESIGUALDADE EM UM CENÁRIO DE ESCASSEZ

Na pior escassez de chuvas que vivemos no país em 90 anos, a progressão da crise hídrica é evidência explícita da mudança climática e traz impactos significativos especialmente na economia brasileira, devido à natureza de nossa matriz energética, 60% dependente de hidrelétricas. Frente a esse cenário, a 18ª edição do **Diálogos Futuro Sustentável** – realizado pelo ICS – Instituto Clima e Sociedade e Embaixada da Alemanha – promove, na próxima quarta-feira, 29 de setembro, um painel de debate sobre o tema **“Justiça climática e crise hídrica: reflexos da desigualdade em um cenário de escassez”**.

Os convidados são **Theresa Williamson**, editora da Rio on Watch (instituição social dedicada a documentar a visão dos moradores das favelas sobre e para políticas públicas), que abordará o aumento do preço e a insegurança no fornecimento da energia elétrica a partir de aspectos de renda, raça, territórios e gênero; **Luana de Brito**, representante da Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (RedeSSAN), que apresentará a perspectiva da segurança alimentar frente à crise; e o alemão **Sebastian Helgenberger**, líder de pesquisa do Institute for Advanced Sustainability Studies – IASS Potsdam, que irá abordar as duas frentes de ação da Alemanha no que tange à injustiça climática: suporte financeiro e logístico a iniciativas globais em favor do desenvolvimento sustentável; além de um robusto programa de transição de sua matriz energética rumo a fontes renováveis.

SERVIÇO

Dia 29 de setembro de 2021

10h30 – 12h (BRT) no YouTube do ICS – Instituto Clima e Sociedade

Acesso gratuito, exclusivamente via link

Link para inscrição: <https://bit.ly/3o2ReE7>

PALESTRANTES:

Sebastian Helgenberger | IASS Potsdam

No IASS, onde ingressou em 2014, Helgenberger lidera um grupo de estudo sobre as oportunidades sociais e econômicas trazidas pelas fontes de energia renováveis. Graduado em Ciências Ambientais, realizou seu mestrado sobre a influência da sustentabilidade em atores da ciência e da sociedade; e doutorado sobre o impacto do aquecimento global nas decisões de investimento de pequenas e médias empresas. Foi coordenador de pesquisa científica no Centro BOKU para Mudança Global e Sustentabilidade; presidiu o Grupo de Trabalho Internacional JPI CLIMATE de financiadores de pesquisa e especialistas em transformação social em face das mudanças climáticas; e coordenou o desenvolvimento organizacional do Centro de Mudanças Climáticas da Áustria.

Theresa Williamson | RioOnWatch

Bacharel em Antropologia Biológica pelo Swarthmore College e Ph.D. em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade da Pensilvânia. Fundadora e diretora-executiva da Comunidades Catalisadoras (ComCat), uma ONG que trabalha desde 2000 desenvolvendo redes, capacitação, comunicação e advocacy em apoio às favelas do Rio. Coordenadora da Rede Favela Sustentável, Painel Unificador Covid-19 nas Favelas e Projeto Termo Territorial Coletivo. Recebeu o Prêmio Internacional NAHRO John D. Lange por sua contribuição ao debate sobre habitação (2012), e o Prêmio Gill-Chin Lim de Melhor Dissertação sobre Planejamento Internacional (2005).

Luana de Brito | Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional

Integrante da Articulação de Organização de Mulheres Negras Brasileiras e membro do Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional de Santa Catarina. Graduada em Ciências Sociais pela UFSC e integrante do Grupo de Pesquisa sobre Movimentos Sociais da universidade. Integrante do Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.

MODERAÇÃO

Amanda Ohara | Instituto Clima e Sociedade

Mestre em Planejamento Energético pela COPPE/UFRJ e graduada em engenharia química pela UNICAMP. Atua há 15 anos no setor energético brasileiro. Foi coordenadora técnica do Instituto E + Transição Energética, atuou como coordenadora e consultora na Agência Alemã de Cooperação Internacional (GIZ) e em funções técnicas e de coordenação na Petrobras. Atualmente, Amanda é consultora do portfólio de Energia do ICS.

Link: <https://jornaldiadia.com.br/evento-da-embaixada-da-alemanha-e-do-ics-discute-justica-climatica-crise-hidrica-e-os-reflexos-da-desigualdade-em-um-cenario-de-escassez/>

Mais pobres sofrem mais com crise hídrica e com os efeitos da mudança climática



A 18ª edição do Diálogos Futuro Sustentável, realizada pelo ICS - Instituto Clima e Sociedade e pela Embaixada da Alemanha, promoveu um painel internacional de debate sobre o tema "Justiça climática e crise hídrica: reflexos da desigualdade em um cenário de escassez".

Com abertura de Ana Toni, diretora executiva do ICS, e de Heiko Thoms, embaixador da Alemanha no Brasil, o evento reuniu virtualmente Theresa Williamson, editora da Rio on Watch (instituição social dedicada a documentar a visão dos moradores das favelas sobre e para políticas públicas), Luana de Brito, representante da Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (RedeSSAN), e o alemão Sebastian Helgenberger, líder de pesquisa do Institute for Advanced Sustainability Studies - IASS Potsdam. A mediação foi de Amanda Ohara, consultora do portfólio de Energia do ICS.

Eles abordaram, respectivamente, o aumento do preço e a insegurança no fornecimento da energia elétrica a partir de aspectos de renda, raça, territórios e gênero; as perspectivas da segurança alimentar frente à crise; e as duas frentes de ação da Alemanha no que tange à injustiça climática: suporte financeiro e logístico a iniciativas globais em favor do desenvolvimento sustentável e o robusto programa de transição de sua matriz energética rumo a fontes renováveis.

DESTAQUES

ANA TONI

A pior crise hídrica no país em 90 anos é evidência explícita da mudança climática e traz impactos significativos especialmente na economia brasileira, devido à natureza de nossa matriz energética, 60% dependente de hidrelétricas.

A reação é sempre em cadeia e nossa antiga conhecida: energia mais cara, combustível mais caro, alimento mais caro. A parcela mais pobre da população é a que mais sofre. Isso afeta de forma desproporcional indivíduos e grupos que são marginalizados devido à desigualdade social.

Os impactos das mudanças no clima são um problema global, que afeta a todos. O problema atinge de forma desproporcional indivíduos e grupos que já estão sujeitos a várias formas de discriminação e que já são marginalizados por desigualdades estruturais.

EMBAIXADOR HEIKO THOMS

O relatório atual do IPCC (Painel intergovernamental sobre mudança do Clima) mostra que o aquecimento global está avançando especialmente na região central do Brasil, onde pode evoluir de forma pior do que a média global.

As mudanças climáticas são também um desafio social. Podem intensificar gravemente problemas já existentes e a desigualdade social, bem como aguçar conflitos entre as pessoas. O problema afeta sobretudo aqueles que já vivem nas condições mais difíceis, e que são as pessoas que menos contribuíram para o surgimento das mudanças climáticas.

THERESA WILLIAMSON

Vivemos um sistema estruturado para manter um sistema de escravidão até hoje. O quadro de representação precisa mudar: somos um país majoritariamente negro, mas com pouca representatividade. Mas a sociedade civil vai se organizar cada vez mais, estamos empoderados por termos conseguido sobreviver à pandemia.

LUANA DE BRITO

Há um descolamento das prioridades de quem está vivendo as dificuldades e de quem está com a caneta definindo as políticas públicas. Não podemos falar de justiça climática se não há justiça social. A fome mata e a fome tem cor: é a população preta e pobre que está morrendo. Precisamos descolonizar o sistema com urgência para garantir que nossas gerações futuras tenham o mínimo de verde para ver e respirar.

SEBASTIAN HELGENBERGER

Não há combate à mudança climática sem combate às desigualdades sociais. A justiça climática e a justiça social dependem da mudança de mentalidade e isso significa que os governos precisam fazer mais. Precisamos pensar em como a igualdade climática pode fomentar a justiça e precisamos empoderar as comunidades. Acredito, sim, que teremos um futuro mais auspicioso.

ASSISTA AO PAINEL NA ÍNTEGRA:

<https://www.youtube.com/watch?v=P0Gfgk5LxZE>

População mais pobre sofre mais com a crise hídrica e com os efeitos da mudança climática

No painel internacional 'Diálogos Futuro Sustentável', especialistas discutem justiça climática, crise hídrica e os reflexos da desigualdade em um cenário de escassez



A 18ª edição do Diálogos Futuro Sustentável, realizada pelo ICS - Instituto Clima e Sociedade e pela Embaixada da Alemanha, promoveu um painel internacional de debate sobre o tema "Justiça climática e crise hídrica: reflexos da desigualdade em um cenário de escassez".

Com abertura de Ana Toni, diretora executiva do ICS, e de Heiko Thoms, embaixador da Alemanha no Brasil, o evento reuniu virtualmente Theresa Williamson, editora da Rio on Watch (instituição social dedicada a documentar a visão dos moradores das favelas sobre e para políticas públicas), Luana de Brito, representante da Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (RedeSSAN), e o alemão Sebastian Helgenberger, líder de pesquisa do Institute for Advanced Sustainability Studies - IASS Potsdam. A mediação foi de Amanda Ohara, consultora do portfólio de Energia do ICS.

População mais pobre sofre mais com a crise hídrica e com os efeitos da mudança climática



No painel internacional "Diálogos Futuro Sustentável", especialistas discutem justiça climática, crise hídrica e os reflexos da desigualdade em um cenário de escassez

A 18ª edição do Diálogos Futuro Sustentável, realizada pelo ICS – Instituto Clima e Sociedade e pela Embaixada da Alemanha, promoveu um painel internacional de debate sobre o tema "Justiça climática e crise hídrica: reflexos da desigualdade em um cenário de escassez".

Com abertura de Ana Toni, diretora executiva do ICS, e de Heiko Thoms, embaixador da Alemanha no Brasil, o evento reuniu virtualmente Theresa Williamson, editora do Rio on Watch (Instituição social dedicada a documentar a visão dos moradores das favelas sobre e para políticas públicas), Luana de Brito, representante da Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (RedeSSAN), e o alemão Sebastian Helgenberger, líder de pesquisa do Institute for Advanced Sustainability Studies – IASS Potsdam. A mediação foi de Amanda Ohara, consultora do portfólio de Energia do ICS.

Eles abordaram, respectivamente, o aumento do preço e a insegurança no fornecimento da energia elétrica a partir de aspectos de renda, raça, territórios e gênero; as perspectivas da segurança alimentar frente à crise; e as duas frentes de ação da Alemanha no que tange à injustiça climática: suporte financeiro e logístico a iniciativas globais em favor do desenvolvimento sustentável e o robusto programa de transição de sua matriz energética rumo a fontes renováveis.

DESTAQUES

ANA TONI

A pior crise hídrica no país em 90 anos é evidência explícita da mudança climática e traz impactos significativos especialmente na economia brasileira, devido à natureza de nossa matriz energética, 60% dependente de hidrelétricas.

A reação é sempre em cadeia e nossa antiga conhecida: energia mais cara, combustível mais caro, alimento mais caro. A parcela mais pobre da população é a que mais sofre. Isso afeta de forma desproporcional indivíduos e grupos que são marginalizados devido à desigualdade social.

Os impactos das mudanças no clima são um problema global, que afeta a todos. O problema atinge de forma desproporcional indivíduos e grupos que já estão sujeitos a várias formas de discriminação e que já são marginalizados por desigualdades estruturais.

EMBAIXADOR HEIKO THOMS

O relatório atual do IPCC (Painel Intergovernamental sobre mudança do Clima) mostra que o aquecimento global está avançando especialmente na região central do Brasil, onde pode evoluir de forma pior do que a média global.

As mudanças climáticas são também um desafio social. Podem intensificar gravemente problemas já existentes e a desigualdade social, bem como aguçar conflitos entre as pessoas. O problema afeta sobretudo aqueles que já vivem nas condições mais difíceis, e que são as pessoas que menos contribuíram para o surgimento das mudanças climáticas.

THERESA WILLIAMSON

Vivemos um sistema estruturado para manter um sistema de escravidão até hoje. O quadro de representação precisa mudar: somos um país majoritariamente negro, mas com pouca representatividade. Mas a sociedade civil vai se organizar cada vez mais, estamos empoderados por termos conseguido sobreviver à pandemia.

LUANA DE BRITO

Há um descolamento das prioridades de quem está vivendo as dificuldades e de quem está com a caneta definindo as políticas públicas. Não podemos falar de justiça climática se não há justiça social. A fome mata e a fome tem cor: é a população preta e pobre que está morrendo. Precisamos descolonizar o sistema com urgência para garantir que nossas gerações futuras tenham o mínimo de verde para ver e respirar.

SEBASTIAN HELGENBERGER

Não há combate à mudança climática sem combate às desigualdades sociais. A justiça climática e a justiça social dependem da mudança de mentalidade e isso significa que os governos precisam fazer mais. Precisamos pensar em como a igualdade climática pode fomentar a justiça e precisamos empoderar as comunidades. Acredito, sim, que teremos um futuro mais auspicioso.

BIOs PALESTRANTES:

Theresa Williamson | RioOnWatch

Bacharel em Antropologia Biológica pela Swarthmore College e Ph.D. em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade da Pensilvânia. Fundadora e diretora-executiva das Comunidades Catalisadoras (ComCat), uma ONG que trabalha desde 2000 desenvolvendo redes, capacitação, comunicação e advocacy em apoio às favelas do Rio. Coordenadora da Rede Favela Sustentável. Painel Unificador Covid-19 nas Favelas e Projeto Terra Territorial Coletiva. Recebeu o Prêmio Internacional NABHO John D. Lange por sua contribuição ao debate sobre habitação (2012), e o Prêmio Gill-Chin Lim de Melhor Dissertação sobre Planejamento Internacional (2005).

Luana de Brito | Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional

Integrante da Articulação de Organização de Mulheres Negras Brasileiras e membro do Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional de Santa Catarina. Graduada em Ciências Sociais pela UFSC e integrante do Grupo de Pesquisa sobre Movimentos Sociais da universidade. Integrante do Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.

Sebastian Helgenberger | IASS Potsdam

No IASS, onde ingressou em 2014, Helgenberger lidera um grupo de estudo sobre as oportunidades sociais e econômicas trazidas pelas fontes de energia renováveis. Graduado em Ciências Ambientais, realizou seu mestrado sobre a influência da sustentabilidade em atores da ciência e da sociedade, e doutorado sobre o impacto do aquecimento global nas decisões de investimento de pequenas e médias empresas. Foi coordenador de pesquisa científica no Centro BOKU para Mudança Global e Sustentabilidade; presidiu o Grupo de Trabalho Internacional JPI CLIMATE de financiadores de pesquisa e especialistas em transformação social em face das mudanças climáticas; e coordenou o desenvolvimento organizacional do Centro de Mudanças Climáticas da Áustria.

MODERAÇÃO:

Amanda Ohara | Instituto Clima e Sociedade

Mestre em Planejamento Energético pela COPPE/UFRJ e graduada em engenharia química pela UNICAMP. Atua há 15 anos no setor energético brasileiro. Foi coordenadora técnica do Instituto E+ Transição Energética, atuou como coordenadora e consultora na Agência Alemã de Cooperação Internacional (GIZ) e em funções técnicas e de coordenação na Petrobras. Atualmente, Amanda é consultora do portfólio de Energia do ICS.



POPULAÇÃO MAIS POBRE SOFRE MAIS COM A CRISE HÍDRICA E COM OS EFEITOS DA MUDANÇA CLIMÁTICA

No painel internacional 'Diálogos Futuro Sustentável', especialistas discutem justiça climática, crise hídrica e os reflexos da desigualdade em um cenário de escassez

29 de setembro de 2021 - A 18ª edição do *Diálogos Futuro Sustentável*, realizada hoje pelo ICS - Instituto Clima e Sociedade e pela Embaixada da Alemanha, promoveu um painel internacional de debate sobre o tema *"Justiça climática e crise hídrica: reflexos da desigualdade em um cenário de escassez"*.

Com abertura de **Ana Toni**, diretora executiva do ICS, e de **Heiko Thoms**, embaixador da Alemanha no Brasil, o evento reuniu virtualmente **Theresa Williamson**, editora da Rio on Watch (instituição social dedicada a documentar a visão dos moradores das favelas sobre e para políticas públicas), **Luana de Brito**, representante da Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (RedeSSAN), e o alemão **Sebastian Helgenberger**, líder de pesquisa do Institute for Advanced Sustainability Studies - IASS Potsdam. A mediação foi de **Amanda Ohara**, consultora do portfólio de Energia do ICS.

Eles abordaram, respectivamente, o aumento do preço e a insegurança no fornecimento da energia elétrica a partir de aspectos de renda, raça, territórios e gênero; as perspectivas da segurança alimentar frente à crise; e as duas frentes de ação da Alemanha no que tange à injustiça climática: suporte financeiro e logístico a iniciativas globais em favor do desenvolvimento sustentável e o robusto programa de transição de sua matriz energética rumo a fontes renováveis.

DESTAQUES

ANA TONI

A pior crise hídrica no país em 90 anos é evidência explícita da mudança climática e traz impactos significativos especialmente na economia brasileira, devido à natureza de nossa matriz energética, 60% dependente de hidrelétricas.

A reação é sempre em cadeia e nossa antiga conhecida: energia mais cara, combustível mais caro, alimento mais caro. A parcela mais pobre da população é a que mais sofre. Isso afeta de forma desproporcional indivíduos e grupos que são marginalizados devido à desigualdade social.

Os impactos das mudanças no clima são um problema global, que afeta a todos. O problema atinge de forma desproporcional indivíduos e grupos que já estão sujeitos a várias formas de discriminação e que já são marginalizados por desigualdades estruturais.

EMBAIXADOR HEIKO THOMS

O relatório atual do IPCC (Painel intergovernamental sobre mudança do Clima) mostra que o aquecimento global está avançando especialmente na região central do Brasil, onde pode evoluir de forma pior do que a média global.

As mudanças climáticas são também um desafio social. Podem intensificar gravemente problemas já existentes e a desigualdade social, bem como agitar conflitos entre as pessoas. O problema afeta sobretudo aqueles que já vivem nas condições mais difíceis, e que são as pessoas que menos contribuíram para o surgimento das mudanças climáticas.

THERESA WILLIAMSON

Vivemos um sistema estruturado para manter um sistema de escravidão até hoje. O quadro de representação precisa mudar: somos um país majoritariamente negro, mas com pouca representatividade. Mas a sociedade civil vai se organizar cada vez mais, estamos empoderados por termos conseguido sobreviver à pandemia.

LUANA DE BRITO

Há um descolamento das prioridades de quem está vivendo as dificuldades e de quem está com a caneta definindo as políticas públicas. Não podemos falar de justiça climática se não há justiça social. A fome mata e a fome tem cor: é a população preta e pobre que está morrendo. Precisamos descolonizar o sistema com urgência para garantir que nossas gerações futuras tenham o mínimo de verde para ver e respirar.

SEBASTIAN HELGENBERGER

Não há combate à mudança climática sem combate às desigualdades sociais. A justiça climática e a justiça social dependem da mudança de mentalidade e isso significa que os governos precisam fazer mais. Precisamos pensar em como a igualdade climática pode fomentar a justiça e precisamos empoderar as comunidades. Acredito, sim, que teremos um futuro mais auspicioso.

ASSISTA AO PAINEL NA ÍNTEGRA:

<https://www.youtube.com/watch?v=PDGfgkSLyZE>



BIOs PALESTRANTES:

Theresa Williamson | RioOnWatch

Bacharel em Antropologia Biológica pela Swarthmore College e Ph.D. em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade da Pensilvânia. Fundadora e diretora-executiva da Comunidades Catalisadoras (ComCat), uma ONG que trabalha desde 2000 desenvolvendo redes, capacitação, comunicação e advocacy em apoio às favelas do Rio. Coordenadora da Rede Favela Sustentável, Painel Unificador Covid-19 nas Favelas e Projeto Termo Territorial Coletivo. Recebeu o Prêmio Internacional NAHRO John D. Lange por sua contribuição ao debate sobre habitação (2012), e o Prêmio Gill-Chin Lim de Melhor Dissertação sobre Planejamento Internacional (2005).

Luana de Brito | Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional

Integrante da Articulação de Organização de Mulheres Negras Brasileiras e membro do Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional de Santa Catarina. Graduada em Ciências Sociais pela UFSC e integrante do Grupo de Pesquisa sobre Movimentos Sociais da universidade. Integrante do Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.

Sebastian Helgenberger | IASS Potsdam

No IASS, onde ingressou em 2014, Helgenberger lidera um grupo de estudo sobre as oportunidades sociais e econômicas trazidas pelas fontes de energia renováveis. Graduado em Ciências Ambientais, realizou seu mestrado sobre a influência da sustentabilidade em atores da ciência e da sociedade; e doutorado sobre o impacto do aquecimento global nas decisões de investimento de pequenas e médias empresas. Foi coordenador de pesquisa científica no Centro BOKU para Mudança Global e Sustentabilidade; presidiu o Grupo de Trabalho Internacional JPI CLIMATE de financiadores de pesquisa e especialistas em transformação social em face das mudanças climáticas; e coordenou o desenvolvimento organizacional do Centro de Mudanças Climáticas da Áustria.

MODERAÇÃO:

Amanda Ohara | Instituto Clima e Sociedade

Mestre em Planejamento Energético pela COPPE/UFRJ e graduada em engenharia química pela UNICAMP. Atua há 15 anos no setor energético brasileiro. Foi coordenadora técnica do Instituto E+ Transição Energética, atuou como coordenadora e consultora na Agência Alemã de Cooperação Internacional (GIZ) e em funções técnicas e de coordenação na Petrobras. Atualmente, Amanda é consultora do portfólio de Energia do ICS.